

A Análise do Discurso numa perspectiva transversal

Maria José Monteiro Martins de Almeida

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto – ISCAP/IPP

Teorias da Comunicação

As Ciências da Comunicação têm sido entendidas como área multidisciplinar, o que permite o recurso a uma perspectiva transversal e torna possível o cruzamento de enquadramentos teóricos. Em relação ao tema que agora nos ocupa, a Análise do Discurso, entendemos o debate e a argumentação como condições incontornáveis do acto de comunicação (Esteves, 2003) e, sendo assim, partimos de um modelo que privilegia ambos na análise discursiva, neste caso a Teoria da Argumentação de O. Ducrot (Anscombe, Ducrot, 1988).

Por outro lado, no debate que sempre atravessa o discurso, a linguagem constitui-se como mediação de intersubjectividades, articulando identidades que se contrapõem, em ordem a um possível consenso. Valoriza-se assim o sujeito e o seu papel na negociação de valores (Ferin, 2002), figurando a argumentação cooperativa (Breton, Proulx, 2000) como horizonte ideal na construção semântica que cruza o discurso.

A realização, ou não, desse consenso passa por uma mútua delimitação de campos valorativos que se desenham, de modo variável, na sequência interlocutiva. Cabe, pois, à linguagem assegurar essa mediação e integrar transversalmente mundividências diversas. Essa integração transversal assegura uma configuração e uma percepção dinâmicas dos universos de valores em causa.

2. Teoria da Argumentação

Ora, de acordo com a Teoria da Argumentação acima referida, a articulação argumentativa realiza-se através do encadeamento de princípios argumentativos, coincidentes com os valores (Alves, 2001), o que nos permite aceder à sua negociação e debate subjacentes ao discurso (Almeida, 2004).

Por outro lado, e ainda segundo esse mesmo enquadramento teórico, teremos de considerar vários enunciadores, o mesmo será dizer perspectivas ou pontos de vista que

estabelecem o debate, em ordem a uma conclusão, de acordo com o agenciamento do locutor (Ducrot, 1988). Na análise que efectuámos (Almeida, 2002), verificámos que estas perspectivas se articulavam ao longo do discurso segundo várias modalidades argumentativas, designadamente a associativa, a opositiva e a de conexão.

No primeiro caso, estamos perante uma associação de enunciadores, que se reforçam mutuamente, em direcção a uma mesma conclusão. No segundo, cada um dos pontos de vista aponta para conclusões opostas. Já a modalidade de conexão corresponde a uma estrutura do tipo *p mas q*. Seja o exemplo seguinte: *Sim, o filme é bom mas já o vi*. Neste tipo de modalidade, o argumento *q* prevalece sempre e rege a direcção argumentativa. Não deixamos de estar aqui perante uma negociação semântica e valorativa em que há uma partilha mas apenas parcial, movendo-se o discurso, num segundo momento, numa outra direcção que afinal se contrapõe à primeira.

Ora, este carácter dialógico multiplica-se ou ramifica-se na sequência discursiva, numa pluralidade de pontos de vista. Desta forma, e com base na análise de textos técnicos que efectuámos, foi necessário chegar a uma paráfrase final para cada texto, síntese conclusiva da argumentação e onde se articulam, fundamentalmente, dois enunciadores, ou duas linhas maiores de argumentação, numa das modalidades referidas, configurando-se esta síntese como atractor argumentativo do discurso.

Entendemos aqui atractor, embora seja também visto de modo metafórico, no sentido que lhe é dado pela Física: trata-se da representação do comportamento dinâmico de um sistema em que os trajectos a partir de quase todos os pontos acabam por “cair” no mesmo conjunto¹. De facto, não se poderá deixar de entender o discurso como um sistema dinâmico, enquanto conjunto de partes que interagem entre si e se modificam ao longo do tempo (Wegner, Tyler, 1993). É certo que no discurso encontramos sempre uma dinâmica argumentativa e semântica e, para além disso, entendemo-lo como potencialidade em aberto, desde logo pela diversidade de interpretações que lhe podem ser dadas², embora com limites (Eco, 1992), para além da intertextualidade que lhe é inerente.

¹ www.ineti.pt. É o que sucede com o atractor de Lorenz (E.). Trata-se ainda de um objecto fractal que exhibe autosemelhança.

² Veja-se a este propósito a “dinâmica da produção simbólica de uma ‘comunidade interpretativa’ de que fariam parte os sujeitos-receptores.” – Philippe Breton, Serge Proulx, *A explosão da comunicação*, Lisboa, Bizâncio, 2000, p. 187.

Então, tal como no atrator de Lorenz, encontramos no plano discursivo e no quadro argumentativo, uma órbita enquadrada, traçada num espaço finito, contendo-se aí a dimensão potencialmente infinita do discurso. Como vimos, o discurso é uma potencialidade em aberto e com dimensão infinita, dada a sua multiplicidade interpretativa e intertextualidade; além disso, a sequência argumentativa é uma progressão em ordem a uma conclusão que se constitui como atrator. Ora neste caso, todas essas dimensões se incluem no espaço finito que é o texto e, sendo assim, esta característica aponta para um objecto fractal³.

3. Uma geometria do discurso

De facto, ao vermos as características de um objecto fractal, encontramos uma estrutura complexa em todas as escalas e tal não deixa de suceder no discurso, no plano da macro ou micro-análise. Ocorre também uma bifurcação infinita, que já verificámos no plano discursivo, além de uma auto-semelhança ou homotetia interna e de uma dimensão fraccionária.

Se entendermos que existe uma direcção argumentativa que rege o discurso, cabe então saber se há uma semelhança entre o todo e as partes, ou seja, se se verifica essa homotetia interna, de tal modo que, numa segmentação, cada uma das partes é uma versão em escala reduzida do todo, apontando para a conclusão final.

Na análise que desenvolvemos, verificou-se essa tendência já que se a estrutura predominante das partes fosse de conexão, por exemplo, o mesmo sucedia na conclusão. Claro que essa estrutura podia ser simples, como uma mera relação de associação ou muito mais complexa, através do encadeamento sucessivo de modalidades de conexão.

Já a última característica, a dimensão fraccionária, não se encontra verificada de momento porque necessita de um grupo multidisciplinar de investigação, a constituir numa fase ulterior e que abranja os campos da Análise do Discurso, da Matemática, da Informática e da Física.

Todas estas circunstâncias apontam para uma geometria do discurso, neste caso para uma geometria fractal, pós-euclidiana, que desenha as formas irregulares da natureza (Mandelbrot, 1991). De facto, cada locutor poderá agenciar o discurso desta ou daquela

³ O termo “fractal” provém do adjectivo latino *fractus*, que significa “irregular” ou “quebrado”. Benoît Mandelbrot, *Objectos Fractais*, Lisboa, Gradiva, 1991, p. 13.

forma, numa sequência argumentativa irregular ou variável, mas sempre ordenada a um fim, a uma conclusão (Ducrot, 1988), num caos determinístico (Mandelbrot, 1991).

Note-se que o segundo enunciador, logo à partida, assegura o movimento discursivo, e constitui-se como gerador (Mandelbrot, 2004)⁴, criando uma irregularidade e projectando-o numa dada direcção, inaugurando, de certo modo, um dado padrão. Claro que essa direcção a todo tempo pode ser alterada pela perspectiva de um outro enunciador que aponte para uma outra conclusão mas o diálogo ou debate que assim se vai construindo não deixa de apontar sempre para a conclusão do locutor. Na variedade infinita do agenciamento locutivo rege sempre o atractor argumentativo por ele constituído.

Deste modo, sucede também que na sequência discursiva é possível encontrar padrões, descobertos na potencialidade infinita que é o mundo da linguagem. A ser assim, talvez se possa entender que a produção discursiva se rege por uma geometria da natureza ou, preferencialmente, se desenha nessa geometria.

Bibliografia:

Almeida, Maria José, *Estratégias argumentativas na comunicação empresarial*, Tese de doutoramento, Braga, Universidade do Minho, 2002.

Almeida, Maria José, “The argumentative dimension of meaning in business communication”, *Discourse, Communication and the Enterprise – Linguistic Perspectives*, Lisboa, ULICES, 2004, pp. 129-135.

Alves, Aníbal, “Argumentação e análise do discurso na perspectiva de Oswald Ducrot”, *Revista de Comunicação e Linguagens*, N°29, Maio, Lisboa, Relógio D’Água Editores, 2001, pp. 117-138.

Anscombre, Jean-Claude, **Ducrot**, Oswald, *L’argumentation dans la langue*, Liège, Piere Mardaga éditeur, 1988.

Breton, Philippe, **Proulx**, Serge, *A explosão da comunicação*, Lisboa, Bizâncio, 2000.

Ducrot, Oswald, *Polifonia y Argumentación*, Cali, Univerdidad del Valle, 1988.

Eco, Umberto, *Les limites de l’interprétation*, Paris, Bernard Grasset, 1992.

Esteves, João Pissarra, *A ética da comunicação e os media modernos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Ferin, Isabel, *Comunicação e culturas do quotidiano*, Quimera, 2002.

⁴ O gerador é entendido por B. Mandelbrot como um iniciador que estabelece um dado padrão. Benoît B. Mandelbrot, *The fractal geometry of nature*, New York, W. H. Freeman and Company, 2004, p. 117.

Mandelbrot, Benoît, *Objectos Fractais*, Lisboa, Gradiva, 1991.

Mandelbrot, Benoit B., *The fractal geometry of nature*, New York, W. H. Freeman and Company, 2004.

Wegner, Tim, **Tyler**, Bert, *Fractal Creations*, Cortemadera, Waite Group Press, 1993.